



DOI: 10.5380/2238-0701.2019n18.01



O que é um meio? Perspectivas teórico-filosóficas

A caminho do meio

Um meio, quando em operação, quer ser esquecido. Seja em seu sentido comunicacional (mídia, meios de comunicação, de informação e de expressão), geométrico (um meio entre dois pontos, o espaço-entre), cronológico (o meio-dia, um intervalo, o presente, o transitório), lógico e quantitativo (o meio termo, a média) ou mesmo qualitativo (o mediano, o misturado), um meio instaura uma relação entre elementos díspares que só existe através dele. Contudo, para manter essa relacionalidade em evidência, o meio, paradoxalmente, deve “passar despercebido”. Um bom mediador ou entrevistador, por exemplo, deve “desaparecer” para dar lugar aos participantes ou entrevistados. Um médium ou um “cavalo” deve sacrificar suas características particulares para conjurar a presença de uma ausência de uma entidade ou espírito. Ou ainda, quando lemos um livro, vemos um filme ou ouvimos uma música, os aspectos materiais (letras impressas num papel, projeção em uma tela, ondas sonoras etc.) devem ceder lugar à percepção daquilo que essas formas presentificam em forma de leitura, visualização, audição. Basta apenas uma página em falta, um erro de impressão, uma falha na projeção ou ruído para que

o meio surja como um problema – o que, inevitavelmente, provoca o fim do processo de mediação. Essa espécie de “curto-circuito” demonstra a dificuldade de tematização de um meio no momento de sua operação, não importa qual sua finalidade: meios transmitem, traduzem, transportam, armazenam, suplementam, mostram etc., mas não são transmitidos, traduzidos, transportados, armazenados etc. nestes mesmos processos que eles possibilitam e “com-formam”.

Os sete textos reunidos neste dossier enfrentam este paradoxo inerente à figuração e definição de meio a partir de diferentes abordagens e tradições. As perspectivas teórico-filosóficas apresentadas aqui não apenas desdram os significados do próprio conceito e seus derivados (meio, mídia, médium, *mass media*), como também atuam em uma lacuna existente entre as Ciências da Comunicação praticadas no Brasil e os Estudos de Mídia desenvolvidos em outros países. Logo, este dossier também pode ser lido como uma pequena amostragem da recepção acadêmica nacional dos debates transnacionais em torno de uma ciência/teoria/filosofia dos meios. Talvez porque os meios estejam estruturalmente destinados à própria desaparição, o debate teórico sobre suas especificidades tenha ficado à margem durante a institucionalização no Brasil das Teorias da Comunicação, muito mais preocupadas com processos ou efeitos comunicacionais dos meios massivos de informação. Para além da sedimentada noção de meio apenas como um instrumento técnico de registro, transformação e transmissão, os Estudos de Mídia e, mais recentemente, a Filosofia dos Meios, nos ensinam que o conceito de meio possui uma longa tradição na história do pensamento. Ao menos desde a obscura noção platônica de *khôra* e a teoria da percepção de Aristóteles e seu conceito de espaço-entre (*metaxú*), passando pela escolástica (com a tradução de Tomás de Aquino do *metaxú* aristotélico para *medium*), pelo conceito hegeliano de mediação (*Vermittlung*) e, já no século XX, a partir das obras de autores como Fritz Heider,

Jacques Derrida, Friedrich Kittler, Hans-Ulrich Gumbrecht, Lorenz Engell, Stefan Münker, Dieter Mersch, Sybille Krämer, Hans Belting e Emmanuel Alloa (para ficarmos apenas com alguns nomes), o conceito de meio foi adquirindo tal relevância ao ponto de se falar atualmente em um *medial turn* nas Ciências Humanas.

À guisa de introdução, com o intuito de pontuar as transformações e desafios provocados por essa virada medial, este dossier começa com um texto do filósofo alemão Lorenz Engell ainda inédito em português e cedido gentilmente pelo autor para esta edição da Revista Ação Midiática. Professor da Faculdade de Mídia da Universidade Bauhaus em Weimar, Lorenz Engell dirige desde 2008 o Programa Internacional de Pesquisa em Técnicas Culturais e Filosofia dos Meios (IKKM) e é detentor desde 2001 da primeira cátedra em Filosofia dos Meios da Alemanha. Em seu texto **O que é Filosofia dos Meios?**, o autor reflete sobre a pertinência e a necessidade de um campo que questiona os próprios pressupostos mediais das práticas culturais e filosóficas. Fazendo um balanço de uma área que se desenvolve institucionalmente há quase duas décadas, o artigo ainda condensa os principais problemas e formas de atuação da Filosofia dos Meios.

Por conta dessa institucionalização dos Estudos de Mídia na Alemanha, existe um debate sobre a excepcionalidade que esse país teria ou não na formação de um campo independente e singular em comparação aos Estudos de Comunicação e seus cursos derivados como conhecemos aqui no Brasil. Os dois artigos subsequentes tratam exatamente deste tema. Em **A gênese e o meio da filosofia dos meios**, Johannes Bennke coloca a excepcionalidade alemã em perspectiva histórica para, em seguida, criticá-la. O texto opera quase como um suplemento ao artigo de Engell por apresentar e discutir a formação dos Estudos de Mídia como campo e disciplina na Alemanha ao mesmo tempo em que identifica a emergência da Filosofia dos Meios no cenário acadêmico daquele país. Já no artigo **Mídia e**

história na Teoria Alemã das Mídias, Marcio Telles nos mostra como o discurso da excepcionalidade dos estudos alemães foi disseminado pela recepção norte-americana. O autor ainda discorre sobre a especificidade nos conceitos de mídia e história elaborados particularmente na obra do teórico Friedrich Kittler, considerado o precursor dos estudos alemães de meios.

Dois outros textos reunidos nesta edição aprofundam o debate medial-filosófico em torno de autores específicos, o que demonstra a pluralidade de discursos correntes dentro das teorias dos meios. Em **Reflexões e reflexos a partir da perspectiva mídio-filosófica de Sybille Krämer**, Thaís Amorim Aragão discute a obra de Krämer, professora de Filosofia da Universidade Livre de Berlim e que atualmente está entre os autores mais influentes da Filosofia dos Meios. Já no texto **Surpreendidos pela ação – mediação pelas Sociologias Pragmáticas Francesas**, Tiago Barcelos Pereira Salgado se debruça sobre o conceito de mediação na Teoria do Ator-Rede – particularmente através da obra de Bruno Latour – reoperando o conceito de mediação a partir da noção de agência.

Na sexta contribuição ao dossiê, Márcio Carneiro dos Santos revisita o conceito sistêmico e ecológico de meio em seu artigo **Por uma teoria dos espelhos – notas sobre uma ontologia geral dos meios**. O trabalho é um exemplo da persistência produtiva do legado deixado pelas teorias cibernetica e da informação aos estudos de mídia.

Por fim, este dossiê apresenta uma abordagem teórica original proposta por Luciana de Oliveira e Bárbara Regina que repensam os conceitos de meio e mediação a partir de tradições e teorias contra-coloniais. Em seu texto **Numa encruzilhada, dois campos: a lágrima como meio nas experiências do sagrado e de luta política contra-colonial do Rosário negro e do Ñembo'e Kaiowá**, as autoras discorrem sobre como uma semente chamada conta-de-lágrima ou *mboy* (em guarani) é empregada como um meio de comunicação com o sagrado pelos rezadores

Kaiowá e pela comunidade afro-brasileira de Reinado, no centro-oeste de Minas Gerais.

A reunião de trabalhos tão díspares em temáticas, métodos e teorias representam, em última instância, uma inconstância constitutiva de uma teoria cujo objeto tende a se esquivar à observação direta. Aquilo que um meio é, antes de tudo, está ancorado em práticas cuja efetivação depende da desaparição do próprio meio. Os textos apresentados neste dossiê figuram diferentes perspectivas que nos aproximam cada vez mais de um horizonte conceitual do termo meio, mesmo que provisório e circunstancial: aos modos de um permanente “a caminho de”.

Maurício Liesen

Editor convidado

